

CONCEPÇÕES MASCULINAS SOBRE A MULHER NO BUDISMO

MASCULINE CONCEPTIONS ON THE WOMAN IN BUDDHISM

Luiz Alencar Libório (*)

RESUMO

A situação de subordinação da mulher é algo constante em muitas culturas. Também no campo da economia, filosofia e religiões ela é vista como inferior ao homem por diversas razões: fraqueza corporal e intelectual, a corporeidade feminina é vista como obstáculo (tentação) à espiritualidade do homem, sendo concebida de modo ambíguo, ora como santa (Virgem Maria), ora como impura e pecadora (Eva). No budismo, nos diversos ramos, ela também é concebida como alguém perigoso por despertar no homem desejos que impediriam o arhat (santo) de chegar ao Nirvana. Com muita relutância, Buda admitiu mulheres (bikkhuni) à vida monástica (samgha), ficando submissas em tudo aos monges (mesmo a um jovem noviço) e atrapalhando a expansão do budismo no mundo. Ela deve obedecer normas duplamente pesadas pelo fato de ser mulher já que provoca impermanência (desejos) na busca do Nirvana.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade e pluralismo religioso. Vida monacal. Desejos. Nirvana. Discriminação.

ABSTRACT

The situation of woman's subordination is something constant in many cultures. Also in economy, philosophy and religions she is seen as inferior to the man for several reasons: corporal and intellectual weakness, the feminine corporeity seen as obstacle (temptation) to the man's spirituality, being conceived in an ambiguous way, now as saint (Virgin Mary), now as impure and sinner (Eve). In Buddhism, in the several branches, she is also conceived as somebody dangerous for exciting in the man desires that would impede the arhat (saint) of arriving to Nirvana. With much reluctance, Buddha admitted women (bikkhuni) to the monastic life (samgha),

(*) Mestre e doutor em Psicologia da Família (2001) pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (UPS). Professor/pesquisador adjunto I do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Urbana (RELCUTUR) da Universidade Católica de Pernambuco. Professor de Psicologia da Religião no mestrado de Ciências da Religião da UNICAP e do Instituto Teológico Sedes Sapientiae do Recife. Membro do Grupo Internacional Commissio pro Família com sede em Roma. E-mail: laliborio@terra.com.br

being they submissive in everything to the monks (even to a youth novice) and disturbing the expansion of the Buddhism in the world. She should obey norms doubly heavy for the fact of being woman since she provokes impermanence (desires) in the search of Nirvana.

KEYWORDS: *Identity and religious Pluralism. monastic Life. Desires. Nirvana. Discrimination.*

INTRODUÇÃO

Antes de se passar à análise das concepções masculinas sobre a mulher no Budismo, ter-se-á, como Introdução, uma breve alusão à concepção¹ da mulher na economia, na filosofia e nas religiões².

Na dimensão econômica, a mulher é vista como inferior ao homem e desde que ela entrou maciçamente no mercado de trabalho, mormente após a II Guerra Mundial, ela sofre discriminação financeira em relação ao homem pelo mesmo trabalho realizado, recebendo ½ a menos que ele, tendo também a diminuição de 6% a 8% do salário anterior ao nascimento do filho e isso não somente no Brasil, mas em outros países, como, por exemplo, na França³, ficando configurado um estado de subordinação cultural da mulher.

Também na filosofia e nas religiões, geralmente, a mulher está num estado de subordinação, exercendo um papel secundário, embora ela se entregue de corpo, alma e espírito às religiões.

As religiões perdem a riqueza da sensibilidade, imaginação, simbolismo, pensamento, práxis e linguagem femininas, mesmo sabendo que o culto da “deusa-mãe” (fecundidade) é um dos mais antigos da humanidade, em diversas civilizações.

Com o advento dos monoteísmos patriarcais (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), o divino “feminino” foi descartado e a mulher é vista também, no nível filosófico, como um ente de não muita importância por uma série de razões como se verá mais adiante.

Este artigo se divide em duas partes: 1) A mulher na perspectiva econômica, filosófica e religiosa (visão geral) e 2) A mulher nas religiões (Budismo).

¹ Concepção: percepção bem elaborada e complexa (HOUAISS, 2001, p.784).

² Baseado no artigo de Arlette FONTAN, In: MARTINI, Évelyne. *La femme*. Ce qu'en disent les religions. Paris: L'Atelier, 2002, p. 13-26. Arlette Fontan é filósofa, professora do Instituto de Ciências e Teologias das Religiões de Toulouse, França.

³ Cf. COLLETAZ, G; RIBOUD, M. *apud* LIBÓRIO, 2001, p. 205.

1. A MULHER NA PERSPECTIVA ECONÔMICA, FILOSÓFICA E RELIGIOSA: VISÃO GERAL

As razões da discriminação da mulher na economia, filosofia e nas religiões são muito sinteticamente as seguintes:

- *Na economia*, a nossa cultura machista acha que a mulher serve mais para trabalhos temporários de segunda categoria e, por isso mesmo, com baixos salários⁴.

Mesmo a mulher ganhando mais que o marido, ela continua sendo provedora econômica secundária com todas as desvantagens da dupla carreira, incrementadas pelo regime capitalista individualista que contrasta as necessidades financeiras da família com as razões pessoais do trabalho assalariado da mulher, ignorando os salários da mesma e enfatizando atitudes igualitárias.

O modelo também negligencia a interdependência familiar em favor da oportunidade e realização individuais e caracteriza o trabalho doméstico como oneroso e o pago como realizador⁵, algo muito comum em nossa sociedade.

- *A influência da sociedade*, geralmente, afirma e enfatiza a inferioridade da mulher. Aristóteles, que influenciou o Cristianismo e a Filosofia, afirmava que entre todas as espécies, o macho é naturalmente superior à fêmea, inclusive na espécie humana. Schopenhauer afirmava que a mulher era um animal de cabelos longos e idéias curtas. Nietzsche assegurava que as mulheres eram pássaros que deviam ficar presos nas gaiolas para que não voassem.

A Igreja Católica apregoava que a mulher era para cuidar do homem e do lar e que se calasse na Igreja. Uma voz destoante, no entanto, foi a do filósofo John Stuart Mill que defendia não ser a mulher inferior ao homem por causa de sua anatomia e que estava injustamente na submissão e escravidão. Todo esse conjunto de influências socioculturais estigmatizou a mulher como inferior, mormente por causa do corpo.

- *A corporeidade feminina* é vista como um obstáculo à espiritualidade. Para as religiões, a fraqueza física feminina e sua concupiscência

⁴ ROSEN, E. I. Bitter Choices: Blue-Collar Women in and out of Work, 1987.

⁵ FERREE, M.M. Family and Job... 1987, p. 289-301.

fazem com que ela seja desvalorizada, no universo religioso, devido à influência do Platonismo que via no corpo o cárcere da alma.

A corporeidade feminina atrapalha a comunicação do homem com o sagrado. Diante disso, as teólogas feministas (E. Parmentier, E. Lacelle I. Gebara e outras) conclamam todas as mulheres à descoberta e valorização de seu corpo como lugar da humanização, da relação, do pensamento e da intelectualidade.

- *A fraqueza intelectual* das mulheres. Pensava-se que a mulher era intelectualmente inferior ao homem. O Talmud diz que mais vale queimar a Torá que confiá-la a uma mulher. Por isso, no Judaísmo, ela não podia manusear e ler a Torá. As doutoras da Igreja Católica (Santa Tereza D'Ávila, Santa Terezinha e outras) não confirmam essa ambigüidade.
- *A ambigüidade feminina*. A mulher é concebida como santa (Virgem Maria) ou pecadora (Eva). A deusa Kali (com um colar de crânios e uma faca), no Hinduísmo, tem essa ambigüidade: é dispensadora dos males e é misericordiosa.

No Egito antigo, a deusa Hathor (com a cabeça de vaca) é deusa do amor e dos mortos. Segundo Carl Gustav Jung essa ambigüidade foi uma projeção do homem sobre a mulher, tornando-as “cabras expiatórias” da impureza.

- *A mulher é impura*. A questão da purificação é central nas religiões. Quem vai entrar no templo e oferecer sacrifícios deve fazer as abluções, purificar-se, deixar suas vestes habituais e vestir novas, puras e consagradas vestimentas. Como a mulher menstrua (marcada pelo sangue) é considerada impura, no Judaísmo, não podendo ser portadora do sagrado que se vê tentado pela mulher.
- *A mulher é tentadora*. A mulher é vista pelos homens (sagrados) como atrativa sexualmente, tendo que se cobrir o mais possível, principalmente ao entrar nos templos sagrados. O Padre da Igreja Tertuliano (no século II) falava da beleza e dos enfeites da mulher como provocadores aos olhos de quem os via.

Segundo o fenomenólogo da Religião, Gerardus van der Leeuw, o véu, usado pelas mulheres, quase sempre é imposto como meio de defesa (para mulheres e homens), antes de ser um símbolo do pudor.

A beleza e o charme da mulher são vistos como obstáculos a toda a elevação do coração e do pensamento a Deus, embora a beleza da mulher possa também ser vista como reflexo da beleza e do amor de Deus. No hinduísmo, a deusa Shakti é energia de Deus, seu princípio ativo.

Na Índia, uma das citações mais conhecidas sobre a mulher é a seguinte: “Lá onde as mulheres são adoradas, ali os deuses se satisfazem” (TROTIGNON *apud* MARTINI, 2002, p. 93).

A situação da mulher no Hinduísmo é diferente segundo as épocas: védica (1.500-500 a.C.), período histórico (500 a.C. -1.857 d.C e após 1857 até os nossos dias (TROTIGNON *apud* MARTINI, 2002, p.93-113).

Em síntese, a problemática da *alteridade* é que permeia essa proibição da mulher diante do sagrado. A filósofa Hanna Arendt afirma que, pelo fato de o homem saber que vai morrer, ele rejeita inconscientemente aquela que o fez nascer.

No entanto, o meu *ego* (eu) só se forma a partir do *alter ego* (o outro eu): o feminino, a mulher, minha outra metade como popularmente é afirmado. No entanto, quem seria o homem se não fosse a mulher?

A mulher tem que tomar consciência de sua importância e lutar por equidade de direitos, saindo da submissão, escravidão e discriminação em que vive nessa sociedade globalizada, secularizada e ainda bastante discriminadora, muitas vezes, apoiada pelas religiões de matiz patriarcalista.

2. A MULHER NAS RELIGIÕES (BUDISMO)

São pouquíssimas as religiões, talvez as das famílias matrilineares, que dão uma grande importância à mulher, até mesmo mais que o homem. Como se viu anteriormente, as razões dessa discriminação contra a mulher são as mais variadas, no âmbito das culturas, filosofias e religiões, de modo especial, no Budismo: a religião pacífica e que busca o caminho do meio, como se verá a seguir.

2.1 A MULHER NO BUDISMO⁶

Buda parece não ter tido muita sorte com as mulheres. Sua mãe, a rainha Maya, morre sete dias após o seu nascimento. Quem toma conta do bebê prin-

⁶ Baseado no artigo de Dominique TROTIGNON: *La femme et le féminin dans le bouddhisme*. In: MARTINI, Évelyne (Org.). *La femme*. Ce qu'en disent les religions. Paris: L'Atelier, 2002, p. 115-135. Dominique Trotignon é presidente da Universidade budista européia.

cipe é Prajâpati, irmã de sua mãe, e segunda esposa do rei Sudhodana.

Aos 16 anos, Sidharta se casa com a bela Yasodhara. Vive uma vida de príncipe até os 30 anos, vida essa cheia de prazeres com as mulheres de seu harém. Aos 30 anos, quando se encontrou com a realidade da miséria, doença, velhice e morte junta-se “aos religiosos sem casa” (*semana: sanyasis*).

Essa decisão aconteceu numa noite logo após o nascimento de seu filho Rahula. Os fatos que desencadeiam tal decisão foram os seguintes: “Numa noite, no palácio, no seu harém, contempla cenas chocantes de suas mulheres em sono: mulheres desarrumadas, despenteadas, com posturas chocantes, boca e pernas abertas, roncando, saliva escorrendo”, etc..., tudo isso leva Sidharta a abandonar o palácio, sua mulher e seu recém-nascido filho: Rahula.

Após dois anos de estudos junto aos monges hinduístas (brâmanes) e seis anos de ascese solitária, Gautama renuncia finalmente às austeridades. Após longo jejum, quem lhe oferece uma tigela de arroz é a jovem Sujata. Após alimentar-se, senta-se debaixo da árvore Pipala (depois *Bodhi*) e mergulha na meditação até chegar à iluminação (Despertar) e se tornar um Buda (Iluminado).

Ele fundou uma comunidade (*samgha*) masculina: *Bikkhu* e depois a feminina (*Bikkhuni*). Ao redor de Buda havia uma presença mais masculina: os renunciantes.

Mas a sua tia e mãe de criação Prajâpati, já viúva e sem filhos, cinco anos após a fundação da comunidade masculina, insiste com Buda, muitas vezes, na criação de uma comunidade feminina à qual Buda sempre se opôs.

Buda afirmava que havia quatro tipos de mulheres:

1. As que se irritam por ninharias, inconstantes, gananciosas e invejosas da felicidade alheia e que não se preocupam em ajudar os outros;
2. As que se irritam por ninharias, que são volúveis e gananciosas, mas não invejam a felicidade alheia e são sensíveis e solícitas diante das necessidades dos outros;
3. As que são mais tolerantes e não se irritam com muita frequência, que sabem como controlar uma mente gananciosa, mas são incapazes de evitar o ciúme são insensíveis às necessidades de outrem;
4. As que são tolerantes, que podem refrear os sentimentos de

cobiça e manter a mente calma, que não invejam a felicidade alheia e que são sensíveis e solícitas diante das necessidades dos outros⁷.

Coerentemente com sua doutrina, Buda via a mulher sempre como um perigo, uma tentação para o homem, despertando nele os desejos diante dos quais o verdadeiro budista não pode sucumbir já que o desejo é causa de todo o sofrimento (1ª nobre verdade).

A beleza e atratividade da mulher (como no Islamismo: a *fitna*) podem levar o monge a sucumbir diante dela. Por isso, ela devia sempre manter certa distância do monge budista⁸.

Era muito difícil para a mulher ser admitida à comunidade monacal e quando o era, com muita relutância, tinha que estar totalmente submissa aos monges. Aliás no Instituto de Manu (bramanismo) a lei era essa: “Na infância a criança do sexo feminino é submetida à vontade do pai, na idade adulta à vontade do marido que comanda a casa, à vontade de seu filho quando o marido morre. Não é permitido à mulher ter independência”⁹. Essa era também a visão de Buda.

Por isso, Budha custou muito a aceitar mulheres à vida monástica budista. No entanto, diante da insistência de sua tia e mãe de criação, Prajâpati, para que aceitasse mulheres na comunidade monacal, finalmente, ele cedeu.

Os membros femininos tinham regras mais severas e sexistas que os masculinos apesar dos protestos de Prajâpati. Entre os seguidores leigos de Buda, há muitas mulheres que lhe servem refeições. Entre elas, no entanto, havia uma rica benfeitora que Buda a tratava como uma princesa: Ambapali.

Elas também podiam progredir no caminho da Libertação das reencarnações (*samsara*) e ser uma *arhat* (santa, devota): idéia suprema do Budismo antigo.

Em alguns tratados e nessa biografia são colocadas em evidência três características do “feminino” no Budismo:

- A maternidade manifesta pela nutrição: leite, material ou alimentos

⁷ GAUTAMA, Siddharta. A doutrina de Buda. Texto integral. Trad. de Jorge ANZAI, p. 144-145.

⁸ Cf. OLDENBERG, Hermann. Duddha: his life, his doctrine, his order. Delhi: Pilgrims' Book PVT LTD, 1998, p. 164-165.

⁹ *Idem*, p. 377.

fornecidos aos renunciantes;

- A sensualidade desejável, mas enganosa;
- A igualdade teórica entre os sexos no que concerne à vida espiritual.

Essas três características permeiam toda a história do Budismo com ênfases em cada uma delas, em certas épocas. Foram levantadas ao Budismo sérias questões como:

- O abandono por parte de Sidharta de sua bela e jovem esposa Yasodhara e seu filho Rahula;
- O caráter efêmero da beleza feminina e o desejo destruidor que ele provoca, reduzindo a mulher a um simples objeto sexual profundamente perigoso.

Na cosmologia budista, no texto antigo *Agañña-Sutta*, é explicado *como* (mas não por que?) as coisas surgem. O universo, em suas expansões e contrações, gera todas as coisas. No começo não havia distinção nem hierarquia de sexos. Os seres eram apenas seres. Depois havia um grande leito d'água numa obscuridade total: a lua e o sol não se manifestam. Uma matéria saborosa aparece sobre a face da água, assim como a espuma (nata) se forma no leite fervido. Um ser a degusta e a acha agradável. Entra nele o desejo. O sexo aparece como uma degeneração da matéria primitiva, acontecendo uma diferenciação dualista, como acontece com a divisão celular.

Um dia, Mara, deusa do desejo e da morte, declara a Soma, monja budista que quase atingiu o nirvana que: “Esse complexo campo (*Nirvana*) que os sábios conseguem atingir, é difícil para uma mulher atingi-lo”.

Quando se vive um estado de meditação e contemplação budista, o sexo é apenas uma simples convenção, fruto do desejo e da ilusão na qual estão mergulhados os seres, não sendo, portanto, importante para quem chegou à Iluminação, à visão correta das coisas tais como elas são.

Buda mesmo disse: “O que importa é o *veículo*: seja homem ou mulher. Quem tomar o veículo chega ao Nirvana” (*Samyuta Nikaya*, I, 5,6). No entanto, o budismo reconhece que nascer masculino tem mais vantagens do que nascer feminino. Muitos pensam que o fato de nascer mulher é fruto de más ações anteriores. Mas esse não é o pensamento de Buda.

Há, portanto, uma literatura budista oficial que não faz distinção de

sexos e há uma popular que privilegia mais o masculino.

No tempo do Cristianismo, no vigorar do Grande Veículo (*Mahayana*) há tendências de que uma mulher não pode chegar ao Nirvana. Portanto, ser macho e fêmea são duas potencialidades: sabedoria (homem) e compaixão (mulher). Buda está além de qualquer convenção dualista. O verdadeiro budista (macho ou fêmea) tem duas grandes virtudes: *sabedoria transcendental* e *compaixão* que são indissociáveis e mãe de todos os Budas (masculinos ou femininos).

No tantrismo (século VI a. C: budismo monacal) não é tanto o desejo que os une, mas um “corpo sutil” que irradia energia pura pelos corpos. Esse “corpo sutil” é a expressão da natureza de Buda presente em todo o ser. A *indiferenciação* é uma característica reservada não só aos Budas, mas é uma característica fundamental a todo o ser, expressa pelo Yoga tântrico.

Târa é um Buda feminino: um Buda perfeitamente realizado. Só o tantrismo tem essa concepção. Ela é o padrão de compaixão de todos os Budas.

No budismo tântrico, estão associadas ao feminino as seguintes virtudes: *sabedoria*, *amor empático* (*maitri*: amor a tudo e a todos com uma bondade infinita: Metta-Sutta).e a *maternidade* apesar do voto de castidade que os seguidores fazem.

A mulher, segundo Buda, é bendita por gerar Budas e por colocar no mundo um ser humano, dando um corpo à alma em suas transmigrações. A mulher mãe é chamada “Buda do lar”. O sexo, portanto, é de caráter convencional e não essencial no Budismo.

Buda teria sido um machista? Dizem que quando as comunidades femininas foram fundadas, ele teria dito: “A Boa Nova foi feita para durar 1.000 anos, mas agora com a entrada das mulheres, durará 500 anos”. Não se sabe até hoje que Buda queria dizer com isso!

Sem dúvida, as convenções sociais reinantes influenciaram nessa afirmação do mestre. Mas, a criação da comunidade feminina budista representa um grande avanço no que diz respeito à *concepção* da mulher naquela cultura.

Mahavira, fundador do Jainismo (um pouco antes de Buda) admitiu mulheres na comunidade, contanto que se tornassem homens na próxima reencarnação e assim pudessem chegar à Libertação dos nascimentos e mortes.

No Budismo, a vida monástica seria um grande apoio na contínua busca da iluminação e do Nirvana.

2.2 A MULHER NA VIDA MONÁSTICA BUDISTA

Na sociedade dos brâmanes, segundo as leis de Manu, a mulher só podia ser filha, esposa e mãe. O tornar-se monja significa adquirir um alto *status* naquela sociedade machista.

A comunidade das mulheres é antes de tudo um refúgio, um lugar de consolação e ajuda mútua, pois, as primeiras monjas eram viúvas sem filhos e sem ninguém para cuidar delas.

Viver livremente entre elas, sem a tutela masculina, era um grande salto e impensável naquele tempo. O próprio Buda, ao aceitar a sua mãe de criação na comunidade feminina, ordena que todas as mulheres devem se inclinar diante de um monge, mesmo se um noviço recém-ordenado.

Essa é a primeira das oito Grandes Convenções para fundar uma comunidade de monjas. Durante os longos retiros, as monjas deviam ser protegidas pelos monges, pois, os homens leigos poderiam não respeitar o hábito das monjas.

A ordenação de uma monja deve ser aceita pela comunidade masculina e feminina, mas quem ordena é um monge.

Nas confissões quinzenais lunares (a antiga *correctio fraterna*), os monges podem acusar uma monja, mas jamais uma monja pode acusar ou ensinar a um monge. As monjas ensinavam entre si e a leigos, mas jamais a um monge.

Entre as faltas graves que excluía alguém da comunidade, o homem só poderia ter quatro faltas (a mulher oito), a saber:

- Relações sexuais;
- Roubo;
- Homicídio;
- Orgulho (vanglória: possuir dons divinos).

As faltas da mulher eram as seguintes:

- Consentir carícias de um homem que a desejasse;
- Marcar um encontro com ele (*Rendez-vous*);
- Relacionar-se com um monge excluído;
- Não denunciar uma monja que cometeu falta grave;
- Relações sexuais;
- Roubo;
- Homicídio;

- Orgulho (vanglória: possuir dons divinos).

Tudo isso tinha como pano de fundo as “convenções sociais”: “O que vão pensar de nós?” Quando uma norma caducava, Buda a conservava e acrescentava outra.

A vida das monjas conhece um grande florescimento e também decadência e é bem diferente da mulher no dia-a-dia de uma família.

2.3 A MULHER NA DINÂMICA FAMILIAR

A dinâmica familiar de um lar budista tem as seguintes conotações¹⁰:

Em relação à dinâmica entre a *mulher casada e a família ampliada* (pais, parentes do marido) do marido, Buda assim se expressa:

Uma mulher, ao se casar, deve fazer os seguintes votos: “Devo honrar e servir os pais de meu marido. Eles nos têm dado tudo o que possuímos e são nossos sábios protetores; assim devo servi-los com apreço e estar sempre pronta para ajudá-los em tudo o que puder”.

No que diz respeito à *cultura do marido*, assim deve agir a mulher casada: “Devo respeitar o professor de meu marido, porque ele lhe deu um sagrado ensinamento e nós não poderemos viver como seres humanos sem a orientação desses grandes ensinamentos”.

No que concerne ao *ego da mulher*, assim ela deve agir: “Devo cultivar a minha mente a fim de que possa compreender o meu marido e possa ajudá-lo em seu trabalho. Nunca devo estar indiferente aos interesses do meu marido, pensando que são apenas os seus negócios e não os meus”.

Com relação *aos criados*, assim deve agir a mulher casada: “Devo estudar a natureza, a habilidade o gosto de cada um dos criados de nossa família e deles cuidar bondosamente. Empregarei bem a renda de meu marido e não a gastarei com propósitos egoístas”.

Na sociedade leiga, homens e mulheres se respeitam mais como iguais. Buda colocou cinco campos nos quais a esposa deve ser louvada pelo marido:

- Deve ser cortês com ela;
- Não a desprezar;
- Ser-lhe fiel;

¹⁰ Cf. GAUTAMA, S. A doutrina de Buda, p. 145.

- Reconhecer-lhe a autoridade;
- Oferecer-lhe adornos.

Uma mulher assim tratada mostra:

- Benevolência com seu marido;
- Cumpre os seus deveres com perfeição;
- É boa com a vizinhança;
- É fiel ao esposo;
- Toma cuidado de tudo com alegria.

A mulher tem liberdade de escolher (diferente de certos países islâmicos) no que diz respeito ao divórcio. Ela pode pedir o divórcio quando não há mais felicidade. Após o divórcio, ela pode no mesmo dia se casar e até fazer festa.

Motivos que levam o homem a pedir o divórcio:

- Falta de respeito e veneração ao marido;
- Falar do marido de modo inconveniente;
- Ter um amante;
- Gastar desordenadamente o dinheiro adquirido pelo marido.

Motivos que levam a mulher a pedir o divórcio:

- Não haver mais amor e afeto do marido para com ela, não lhe dando mais roupas e ornamentos próprios dela;
- Não lhe dar alimento suficiente ao qual tem direito;
- Se ele não quer trabalhar na agricultura, comércio ou outro trabalho honrado;
- Se tem amantes e gasta os bens com elas;
- Se comete atos degradantes: matar, roubar, embriagar-se, etc.;
- Se trata sua mulher como uma escrava e, ao mesmo tempo, se mostra benevolente com outras.

Como se pode perceber, o verdadeiro significado da vida em família está na oportunidade que ela dá para o mútuo encorajamento e ajuda entre os seus membros, sendo a mulher tratada, como se viu, com muito mais severidade

que o homem tanto na vida monástica quanto na vida laical pelos motivos acima colocados.

CONCLUSÃO

No Budismo, segundo a sua cosmologia, o mundo está dividido em três planos: 1) O plano “sem forma” no qual a matéria cede lugar ao pensamento puro; 2) O “plano das formas”, caracterizado pela sutileza da matéria e, enfim, 3) O “plano do desejo”, o nosso plano.

Esse mundo de três planos se acha povoado por duas categorias de seres: Os *devas* (superiores e inferiores) e os homens.

Os *devas superiores* (divindades) que habitam o plano “sem forma” são constituídos por seres espiritualizados e místicos, absortos em contemplação.

Também há *devas superiores* que habitam o “plano das formas” que são constituídos por pessoas que têm um corpo sutil e se acham livres de todo desejo.

Os *devas inferiores*, do plano de desejo, se caracterizam por necessidades sexuais e alimentares.

A categoria dos homens, por sua ignorância, sofre imensamente por se deixarem dominar pelos desejos e pelo *ego* ilusório (GIRA, 1992, p.32-33).

Portanto, numa abordagem mais profunda da realidade (o da matéria primitiva → matéria informe e vazia do Gênesis), não há diferença entre os sexos que surge como degradação da matéria primordial.

Numa abordagem mais superficial da realidade (as convenções sociais), há tudo o que acabamos de ver acima: há muita discriminação sexista de matiz cultural e religiosa porque navegamos comumente em águas rasas, superficiais, na ignorância segundo Buda.

A concepção masculina da mulher contemporânea, principalmente no Ocidente, segundo Buda seria a de um navegar na superficialidade e na ilusão porque sob o domínio do desejo que é algo predominante nas pessoas bastante dominadas pela animalidade, mormente no Ocidente dito cristão.

No nível profundo, certamente a concepção masculina contemporânea da mulher é tão importante quanto a do homem, apesar do fluir de todas as coisas.

Por isso, no Budismo profundo, a mulher não é propriedade de seu marido, pois, o Budismo está marcado pela “im-permanência” → Tudo é Devir → *SAMSARA!* E a mulher desvia a atenção do homem, por sua beleza e fascínio (*fitna* no Islamismo), em sua busca da iluminação e do Nirvana quando bem

poderia ser ela um trampolim para o homem (e a mulher!) chegar lá.

São essas concepções, essencialmente filosóficas (culturais) e religiosas que criam tanta discriminação e injustiça, no plano segundo do ser e da existência humana, enquanto que no plano profundo do ser e existir não há diferença alguma: é um tecido único que se rasga em dois, criando a dicotomia e a dualidade tão caras ao Ocidente.

REFERÊNCIAS

FERREE, M.M. "Family and Job for the working-class Women: Gender and Class Systems seen from below. In: GESTER; GROSS (Orgs.). *Families and Work*. Philadelphia: Temple University Press, 1987, p. 289-301.

GAUTAMA, Siddharta. *A doutrina de Buda*. Texto integral. Trad. JORGE ANZAI. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. 197p.

GIRA, Dennis. *Budismo: história e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1992. 237p.

LIBÓRIO, L. A. *O trabalho extradoméstico feminino e a satisfação conjugal da jovem família do Recife (PE), Brasil: o ajustamento conjugal na tríade*. Tese de Doutorado. Roma: Pontifícia Universidade Salesiana, 2001. 642p.

HOUAISS, Antônio. "Concepção" In: *Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa*. Lisboa, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001, p. 784. 2.922p.

MARTINI, Évelyne et al. *La femme: Ce qu'en disent les religions*. Paris: Éditions de L'Arel, 2002. 175p.

OLDENBERG, Hermann. *Buddha: his life, his doctrine, his order*. Delhi: Pilgrims' Book PVT. LTD, 1998. 454p.

ROSEN, E. I. *Bitter Choices: Blue-Collar Women in and out of Work*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

Recebido em 11.3.2008